

ESPELHO DA CIDADE: FOTOGRAFIA E ESPAÇO URBANO

Janete Ruiz MACEDO - UESC

Na contemporaneidade globalizada o desafio à questão da identidade cultural põe-se para o historiador de forma concreta, quando desenvolve estudos regionais e locais. O estudo do local no contexto da sociedade contemporânea torna-se mais pertinente do que nunca; é um problema sobre as diferentes facetas da modernidade, indispensável para entender a diversidade que as caracteriza. O local, nesta perspectiva, se entenderia como esse espaço menor, de proporções mais reduzidas que o regional, socialmente reconhecido como distinto de outros, com limites e fronteiras claras. Firma-se então a História Local como espaço intelectual adequado ao estudo dos elementos constitutivos da cultura, do social, das relações intergrupais, dos fatos que marcaram as experiências coletivas do local estudado e as diferentes formas de organização do poder, produção, circulação e aquisição de bens materiais e culturais, enfim, os elementos que compõem a teia do desenvolvimento histórico de uma sociedade, mesmo restrita a um local específico.

Dada a abordagem específica de um local estabelecido e sua inserção em um ambiente concreto, a História Local não pode prescindir do apoio em duas questões fundamentais: **o espaço onde se insere** e a **população que a habita**. Espaço e população encontram-se em locais específicos para a execução de diferentes jogos representativos das crenças, do poder, das hierarquias sociais, do lazer, dos sentimentos. O local entendido, como lugar de resguardo dele próprio; de relações intensas e próximas, preocupando-se em buscar as convergências, o homogêneo, o compartilhado. A título de ilustração, veja-se o exemplo de que locais sagrados reúnem determinadas representações que funcionam como instrumentos de equilíbrio de tensões e liberação de

expressões consoladoras e encorajadoras. Por que determinados templos ocupam determinados espaços? Que existe de especial em certos locais de modo a serem concebidos como sagrados? Indagações semelhantes podem ser feitas em relação às praças. Por que uma praça? Qual o significado de "praça" ? Qual as suas funções sociais, econômicas e política? Poderá ser um **microcosmos**, uma amostra de uma dada sociedade? Quem a construiu? Quem lhe deu o nome? Por que está localizada naquele lugar? Quem a frequenta ou frequentou? Questões que serão desenvolvidas ao longo do estudo sobre a Praça Olynto Leone, a partir das imagens, fotografias preservadas por seus moradores.

Itabuna: um esboço histórico

Itabuna, uma quase centenária cidade, situada próximo ao litoral do Estado do Bahia no Nordeste brasileiro, conta com 95 anos de vida, vividos com intensidade e de rica trajetória histórica. História de gente simples, sertanejos, sergipanos e sírio-libaneses; história da mata, do suor, do sangue, mas também de amor, abnegação e entusiasmo.

As terras que integram hoje, o município de Itabuna faziam parte da Capitania de São Jorge dos Ilhéus, fundada por portugueses no século XVI. Esta donataria não conseguiu se despregar do litoral durante todo o período colonial. No decorrer dos séculos XVII e XVIII as belas florestas e o murmurar das águas foram visitados por poucos homens brancos: jesuítas procurando salvar as almas indígenas, bandeirantes à procura de braços escravos, visionários à cata de ouro. Entretanto não ficaram, as poucas marcas de suas pegadas desapareceram tragadas pelo tempo e pela mata.

No raiar do século XIX, numa nova tentativa, o frei capuchinho Ludovico de Livorno se estabelecia nas terras que hoje é o bairro de Ferradas e começa um intenso

trabalho de catequese dos índios pataxós. Sua laboriosidade foi profícua; contudo, com o seu afastamento, após trinta anos de atividades e a morte trágica do seu sucessor o frei Luis Grava, o núcleo populacional que se formara, começa a minguar e certamente desapareceria se das terras sergipanas não já tivesse aportado por estas bandas Felix Severino do Amor Divino que, à procura de terras, guiado pelo caboclo Manuel Constantino, sobe o rio Cachoeira margeando o caminho que ligava Ilhéus ao Planalto da Conquista. Caminharam cerca de 30 Km. e fixaram-se no lugar apontado pelo caboclo. Estava lançada a semente que ganharia raízes. Outros braços sergipanos vêm juntar-se na empreitada. São parentes e amigos de Felix Severino do Amor Divino que chegam ao local, em 1867, contagiados pelo seu entusiasmo. Integrava este grupo aquele que seria o arquiteto e construtor do núcleo que surgia, José Firmino Alves, com apenas 14 anos. Acompanhou seu pai na abertura de suas roças nas terras de “Burundanga”. Com a morte do seu genitor e demonstrando invejável tino comercial inaugura no arraial próximo as terras de Felix do Amor Divino uma casa de negócio, na rua da Areia, que juntamente com outras iriam formar o núcleo comercial do povoamento.

E o arraial progredia; três agrupamentos podiam ser assinalados: Burundanga, Caldeirão sem Tampa e Tabocas. Sua situação geográfica, que séculos atrás tinha sido um obstáculo, agora lhe favorecia, porta de entrada ao sertão para quem pretendia se adentrar nas terras da Bahia, porta de saída para o litoral aos que seguiam para Salvador e outras cidades brasileiras. Vai e vem de mercadorias, gentes, compras, vendas, negócios; é no berço da atividade comercial que Tabocas, futura Itabuna, se embala. No final do século XIX Tabocas era um próspero povoado que almejava a sua autonomia, negada no primeiro momento, mas alcançada em 1906. Tabocas se desliga do município de Ilhéus e ganha o nome de vila de Itabuna que, segundo os peticionários desta

solicitação, contava com 10 mil habitantes e arrecadação superior a 10 mil reis. O cacau começa a dar os seus “frutos de ouro”.

Sua autonomia não estava completa, Firmino Alves não descansava, ladeado de tantos outros que sonhavam em transformar a vila de Itabuna em cidade. Tudo favorecia a jovem vila, a região estava se transformando no eldorado dos nordestinos fugidos da seca, a cultura do cacau prometia bons frutos. Em 28 de julho de 1910 Itabuna é elevada à categoria de cidade, sede do município do mesmo nome, criado há quatro anos atrás. Cabia ao seu 1º Intendente, juntamente com seus desbravadores e filhos da terra dotar Itabuna com os aparatos econômicos, políticos, religiosos e culturais que sua nova posição exigia. Rapidamente, durante as cinco primeiras décadas do século passado, órgãos públicos estaduais e federais ali se instalam - Banco do Brasil, Tiro de Guerra, IBGE, etc. O Curato de São José é estabelecido, colégios são fundados - Cabral, Divina Providência; jornais nascem e morrem - *O Labor*, *O Itabunense*, *O Dia* e *O Gladiador*; as filarmônicas tocam e guerreiam, - *Minerva* e *A Lira* - dividindo a cidade.

Lutas pequenas e grandes marcam sua história, aquelas que envolvem violência e sangue - Adamistasⁱⁱ e Pessoistasⁱⁱⁱ e aquelas que trouxeram progresso e paz - pela água, por luz elétrica, pelo calçamento das ruas, pelo hospital e pelo embelezamento dos seus recantos de lazer.

A praça Olynto Leone como objeto de análise histórica

Os espaços públicos estão no centro das atuais preocupações; debates intensos procuram determinar o âmbito do público e do privado. Ruas, praças e casas tornaram-se documentos históricos, suportes físicos repletos de significações e historicidade. Espaços onde perpassam o público e o privado. A praça pode ser observada em todos os tipos de cidade, faz parte do seu desenho estrutural. Da pólis grega as megalópolis

contemporâneas, a praça tem sobrevivido às mudanças urbanas, mesmo alterando o seu significado na sua forma e função. Representava na cidade medieval o marco zero, centro de origem das primeiras aglomerações e espaço cívico, na cultura romana, ainda conserva o mesmo mito, principalmente nas cidades de médio e pequeno porte.

Itabuna, uma das principais cidades da intitulada "zona cacauera", emancipada do município de Ilhéus há 95 anos já guarda marcas de inúmeras reformas urbanas que significaram momentos de rupturas e transformações, que vão desde a alteração da denominação até a desfiguração do seu patrimônio arquitetônico, transmutado em nome do discurso progressista. Nesse trabalho acompanharemos essas mudanças através do estudo das imagens fotográficas da praça e das fontes hemerográficas

Igualmente ao que acontecia nas cidades medievais a Praça Olynto Leone é o espaço onde surgiu às primeiras aglomerações do arraial de Tabocas. Buscando comercializar e atender aqueles que se aventuravam a atravessar arroios, lagoas e florestas para seguirem rumo ao sertão do Planalto da Conquista em busca do gado e outras mercadorias, instalou-se à margem do Rio Cachoeira, próximo à ilha do Jegue, um conjunto de casebres que se estendiam desalinhadamente em solo arenoso, levando os seus habitantes e transeuntes a denominá-la de Rua da Areia. Neste espaço aberto se aglomeram as tropas e suas mercadorias^{IV}.

Na Rua da Areia, mais tarde Praça da Matriz, a similitude da ágora, do fórum e da praça da catedral medieval e dos espaços urbanos que nasceram delas, nada era planejado. Estes corações, ou seja, estes microcosmos cresciam naturalmente com o resto do corpo urbano e adaptavam-se às funções, necessidades e gostos mutáveis do corpo.

À medida que a monocultura do cacau se consolidava os preços do produto mantinham-se em alta e a tonelagem exportada já se fazia sentir na balança de comércio da Bahia, o arraial de Tabocas crescia e a Praça da Matriz ou Largo da Matriz era o exemplo pujante deste fato, belos edifícios passam a integrar a paisagem. Em 1906 fundou-se a primeira sociedade Literária Recreativa de Itabuna, a "25 de julho", cuja sede provisória estava situada à Praça da Matriz.

E neste mesmo local dois anos antes havia instalado, a Filarmônica Lira Popular, um palanque "*à porta da matriz, onde se tocava aos domingos, na Batalha das Flores. O palanque em apreço era muito bem feito... chamavam-no palanque da Lira^v*". Este palanque seria queimado pelos adeptos da Filarmônica Minerva em 1908. No início deste ano, logo após a instalação da vila de Itabuna, por ato do Conselho Municipal, passa a denominar-se Praça XV de Novembro^{vi}, em homenagem a novel República. Emanam, também, deste Conselho as primeiras preocupações quanto ao traçado urbano e a estética da cidade, uma espécie de código de postura:

Art. 1 Fica proibido por conveniência pública a reconstrução das casas à Rua de Areia compreendido o trecho que vai do quartel à Praça da Matriz.

Art. 2 Fica proibido estender nas ruas e praças desta vila, roupas, couros e outros objetos^{vii}

Recursos são alocados e destinados a embelezamentos e reformas são planejadas, dois contos de réis para o acabamento do frontispício do edifício da Matriz e ampla reforma interna e externa no prédio da Intendência. Entretanto, a morfologia da praça não se alterou muito apesar da elevação da vila de Itabuna à categoria de cidade^{viii}. A Igreja Matriz, construída em terreno doado por Firmino Alves, monopolizava as

atividades na praça: ... *"na matriz desta cidade tem sido festejado com alguma pompa e solenidade este mês de flores e de bençãos consagrado à Virgem"^x*. Noticiava, também, o jornal A Época: *"o cruzeiro que tinha sido retirado de Taboquinhas (local do primeiro cemitério de Itabuna) acabava de ser plantado na Praça 15 de Novembro, ou como o povo insistia de chamar, no Largo da Matriz"^x*.

Em 29 de novembro de 1912, novamente a Praça muda de designação^{xi} para perpetuar na memória dos itabunenses a figura do seu primeiro Intendente, falecido sem completar o mandato. Olynto Leone, em pleno exercício do seu mandato, adoece e é obrigado a licenciar-se para buscar tratamento em Paris para a tuberculose que o atormentava. Após algum tempo de tratamento, retorna a Itabuna sentindo-se curado, porém pouco tempo depois à doença recrudescer, vindo a falecer no dia 28 de fevereiro de 1912.

Na década de vinte a praça Olynto Leone realmente era o coração da cidade. Local onde se desenvolviam as principais funções da urbis, tais como: eventos políticos, atividades de esporte e de lazer, comemorações religiosas e transações comerciais e financeiras.

Palco de acontecimentos políticos, a Intendência Municipal estava situada na sua extremidade leste: *"no próximo domingo às 16 horas na praça da Matriz^{xii} haverá um meeting político em prol da candidatura do Cel. Laudelino Lorens, o Intendente municipal, no qual falarão diversos oradores"^{xiii}*.

Local de jornadas futebolísticas memoráveis, aglomerando os torcedores do Esporte Clube Ipiranga^{xiv} e o Clube Esportivo Rio Branco^{xv}, *"em vista de ter empatado o jogo em 2 x 2, última peleja verificada entre os valorosos clubes Rio Branco e Ypiranga,*

ficou combinado ter lugar no domingo último, a prova de desempate entre os quadros indecisos”^{xvi}. Ambiente onde a população itabunense expressava a sua religiosidade. Em homenagem a Nossa Senhora, “... uma bonita procissão composta das charolas do Deus menino, Nossa Senhora da Conceição,(...) ao recolhimento houve a celebração (...) Findos estes atos religiosos, foi queimada em frente à matriz, uma bem organizada roda de fogo de artifício que muito agradou a todos os presentes”^{xvii}. No momento da Semana Eucarística, uma concorridíssima missa campal é celebrada pelo Pe. Anísio Vivas Mendes num altar armado na praça. E sobre diversas formas “realizou-se a Festa do Catecismo, pela manhã houve missa e comunhão para as crianças, depois foi oferecido um almoço ao ar livre no jardim da Praça Olynto Leone”^{xviii}.

Lugar de civismo, como fica atestado nesta festa relatada pelo *Jornal A Época*, promovida pelo Sr. Inspetor Escolar, professor Enéas Alves da Silva, com o concurso das escolas públicas e particulares no dia 25 de setembro, Dia da Árvore, ocasião em que foram plantadas cinco árvores no jardim da praça Olynto Leone^{xix}.

Centro financeiro e mercantil, “Está entre nós o Sr. Heitor Lamounier digno inspetor do Banco do Brasil para instalação de uma agência nesta cidade. A agência vai funcionar à praça da Matriz, no prédio do Cel. Firmino Alves onde funcionava a Coletoria Estadual^{xx}, na praça e em seus arredores pulsava a febril atividade mercantil que alavancava a cidade, juntamente com a cultura do cacau.

Enfim, a praça era o local privilegiado de lazer e diversão. Touradas^{xxi} e espetáculos circenses tiveram oportunidade de exibirem-se por diversas ocasiões. O circo *Altair* apresentou em 1922 os números “do menino cobra” e a “escada da morte”. No ano seguinte a grande Companhia Internacional de Variedades atraía multidões desejosas em

assistir algumas de suas atrações como: A Flecha Humana, a Prova Terrível, O Vôo da Morte, entre tantas outras.

Apesar de representar um espaço tão significativo na vida da comunidade, a Praça Olynto Leone permanecia como um grande largo, não recebendo até então nenhum tratamento urbanístico. Esta lacuna só seria sanada por iniciativa do oitavo Intendente itabunense, Dr. Laudelino Lorens^{xxii}. Em março de 1925 o *Jornal de Itabuna* abria uma grande manchete *"Até que enfim Itabuna vai ter um logradouro público"*, e comentava o andamento da obra: *" trabalhos de canteiros, remoção de terras, nivelamento de alas, plantio de árvores, etc. já vão bem adiantados"*. No mesmo artigo, o jornalista assinalava a possibilidade de Laudelino Lorens não inaugurar a sua vultosa obra e o vaticínio terminou se concretizando. O Intendente que o substituiu, mostrou pouca vontade para continuar a obra de um adversário político, deixou a praça cercada por arame farpado por mais de um ano, irritando a população que clamava retornar o gozo daquele espaço público. Mais uma vez o *Jornal de Itabuna* se faz porta-voz da comunidade e reivindica a retirada do cercado, arrazoando. *"Itabuna vai comemorar em 19 do corrente o dia de São José, padroeiro da cidade, de cuja festa é o Sr. Cel. Henrique Alves dos Reis, o juiz. É na praça, como dissemos que fica situada a Igreja de São José; é ali que se fazem os festejos religiosos e populares ao glorioso Santo; pois bem, a população pede ao Sr. Intendente para inaugurar oficialmente ou não o jardim, abri-lo nesse dia ao colocar os bancos e retirar a cerca de arame farpado, que muito desfeia o local"* ^{xxiii}.

No Brasil, tempos novos vão surgindo, forças sociais e políticas reivindicavam uma participação mais efetiva nos rumos da nação. O modelo oligárquico republicano com seus coronéis, voto a "bico de pena" e a política dos governadores demonstrava-se exaurido. A Revolução de 1930 marca o início do discurso nacional progressista. E

Itabuna não teve tempo de se "tornar antiga" e muito menos a praça Olynto Leone. Poucos anos após a sua inauguração o *Jornal Oficial* do município noticiava "a transformação completa da Praça Olynto Leone, onde até as árvores foram mudadas, se apresentado hoje com um dos mais modernos jardins com parque de diversões infantis, que é sem dúvida, pondo-se à parte modéstia e bairrismo, um dos melhores de todo o interior do Estado" ^{xxiv}. E o discurso da modernidade, do processo civilizatório atinge também os arredores da praça, todos os prédios são reformados e as linhas arquitetônicas da Matriz de São José são consideradas "em desacordo com o culto de progresso que a passos largos toma a urbis" .

A praça revestida do moderno continua representando para a cidade, o ponto de convergência de sua vitalidade. Animadas quermesses, os atos políticos religiosos como a missa de Ação de Graças por ter o presidente Getúlio Vargas escapado ileso da Intentona Comunista, atividades jurídicas, parlamentares e comerciais trazem o povo à praça. Um fato, no início dos anos quarenta, alterou significativamente o microcosmo da praça: o desabamento da Igreja Matriz^{xxv} e a resolução de não reconstruí-la no seu espaço primitivo. Gradativamente, podemos observar que a praça refletirá as representações simbólicas que o cidadão itabunense cria e recria no seu viver social. A espacialidade da cidade se expande, novos espaços de convivência social são abertos e as funções dos antigos redimensionados. Entretanto a praça Olynto Leone durante as décadas de 50 e 60 continua sendo o local da política, apesar dos grandes comícios terem passado a se concentrar em um outro espaço, mantinha-se como centro das decisões locais, a prefeitura municipal continuava sediada na praça. Contudo, serão os flertes, os namoros, o passear, o encontrar-se, o conversar, que lhe dará vida. Animada pelos sons das matinês dançantes ou pelos memoráveis bailes de carnavais do Itabuna

Clube, sofre mais uma reforma, aquela que irá prepará-la para comemorar o cinqüentenário da cidade.

Na década de 70, novamente transmutada, deixando de ser o centro político, sofrendo com as transformações impostas aos costumes com o advento da televisão, a praça fica deserta. Deprimida a ponto de ser perigoso atravessá-la, após o anoitecer.

Hoje, no mundo globalizado, a praça Olynto Leone, este microcosmo, reflete a busca da identidade cultural que tanto atinge as sociedades regionais. Após um grande período de abandono, revitalizada, volta a ser um espaço de lazer e cultura, onde se exibem artistas locais e a reorganizada Filarmônica Euterpe, enquanto artistas expõem, a céu aberto, as suas obras, crianças reúnem-se com seus professores para lerem na praça^{xxvi}.

ⁱⁱ Grupo político chefiado pelo Cel. Domingos Adami de Sá.

ⁱⁱⁱ Grupo político chefiado pelo Cel. Mário Pessoa da Costa e Silva.

^{iv} Vide figura 01 em anexo

^v GONÇALVES, Oscar Ribeiro. *Jequitibá de Tabocas*. Salvador: Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial da Bahia, 1960, p. 78.

^{vi} Ata do Primeiro Conselho Municipal, 20 de Janeiro de 1908.

^{vii} Ata do Conselho Municipal da Vila de Itabuna, 16 de Janeiro de 1908, fol. 5.

^{viii} Lei nº 807, datada de 28 de junho de 1910, referendada pelo governador da Bahia Araújo Pinho. Em 21 de agosto deste mesmo ano realiza-se a cerimônia de investidura da vila nesta nova qualidade.

^{ix} Jornal A Época, 16 de maio de 1912.

^x Jornal A Época, 15 de novembro de 1911.

^{xi} Por deliberação desse digno Conselho fora mandado o nome da Praça XV de Novembro para Olynto Leone. Ato do Conselho Municipal de Itabuna, 29 de novembro de 1911.

^{xii} Apesar de oficialmente a quase dez anos a praça se intitular Olynto Leone, encontramos nos jornais, o que significa que era senso comum, a denominação Praça da Matriz ou Largo da Matriz

^{xiii} Jornal de Itabuna, 20 de novembro de 1921.

^{xiv} Fundado em 21 de abril de 1921. Vide figura 02, em anexo.

^{xv} Fundado em 6 de janeiro de 1920. Vide figura 02, em anexo.

^{xvi} Jornal de Itabuna, 03 de novembro de 1921.

^{xvii} Jornal A Época, 11 de setembro de 1920.

^{xviii} Jornal A Época, 10 de dezembro de 1927.

^{xix} Jornal A Época, 01 de outubro de 1927.

^{xx} Jornal de Itabuna, 04 de setembro de 1924.

^{xxi} Cf. Jornal de Itabuna, 13 de dezembro de 1923.

^{xxii} Vide figura 03, em anexo.

^{xxiii} Jornal de Itabuna, 10 março de 1927.

^{xxiv} Jornal Oficial do Município de Itabuna, 16 de janeiro de 1932. Vide figura 04, em anexo.

^{xxv} A Igreja Matriz é reformada em 1937 e em 1941 todo o teto desaba, ficando apenas as paredes laterais e a frente.

^{xxvi} Vide figura 05, em anexo.